

BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. **A cidade como narrativa**. Lisboa: ICS, 2013.

Notas para pensar a cidade como narrativa de nosso cotidiano

Notes to Think of the City as a Narrative of Our Daily Lives

Victor Hugo Nedel Oliveira¹

A presente resenha foi produzida a partir da leitura do livro *A cidade como narrativa*, escrito pela socióloga Irllys Alencar Firmo Barreira, publicado em 2013 pela Imprensa de Ciências Sociais, do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Portugal. A obra narra algumas histórias ocorridas em cidades ao redor do mundo, explorando múltiplos modos de exposição de quatro metrópoles: Berlim (Alemanha), Fortaleza (Brasil), Lisboa (Portugal) e Lyon (França). O que essas cidades têm em comum? Trajetórias de vida narradas pela autora, que podem muito bem serem contrastadas com nossas próprias narrativas urbanas em nossas cidades de vida cotidiana.

A obra está organizada em quatro partes. A primeira é denominada “Apresentação do objeto de estudo”, na qual são apresentadas e discutidas algumas notas metodológicas sobre a observação de cidades, quando há o entendimento de que “a cidade desconhecida é para o pesquisador a antítese do porto seguro” (BARREIRA, 2013, p. 16), lançando, assim, o convite para a pesquisa no campo das cidades. Ainda nessa primeira parte, é apresentado um dos autores que perpassam a escrita de toda a obra: Walter Benjamin, principalmente a partir da discussão por ele proposta, do “olhar do *flâneur*” (BENJAMIN, 1986), que é o pesquisador que se permite flunar pela cidade, para, assim, poder captar e construir narrativas. No final da primeira parte, a autora faz uma breve apresentação das cidades pesquisadas.

Na segunda parte do livro, denominada “Guias turísticos e narrativas como mapas de navegação social”, a autora dialoga sobre suas vivências e percepções

¹ Doutor em Educação. Licenciado e Mestre em Geografia. Professor do Departamento de Humanidades da UFRGS. Av. Bento Gonçalves, 9500, Porto Alegre (RS), CEP 90650-001. E-mail: victor.juventudes@gmail.com

com os guias turísticos das cidades envolvidas no texto Berlim, Fortaleza, Lisboa e Lyon. Nesse diálogo, afirma-se que “há sempre uma história da cidade contida nos guias, narrando um passado a ser apresentado, de modo a localizar o visitante no tempo” (BARREIRA, 2013, p. 47). Desse modo, a autora explicita seu interesse na utilização dos guias turísticos, já que esses materiais tendem a “mostrar a cidade que deve ser mostrada” ou, ainda, proporcionar que os visitantes “visitem os pontos que devem ser visitados”, direcionando, muitas vezes, os olhares dos visitantes “ao que deve ser visto”. Nesse sentido, a autora apresenta, inicialmente, a cidade de Lisboa como uma cidade “narrada em três tempos”, a partir de três momentos temporais distintos. Na sequência, entra em cena a cidade de Berlim, cujas narrativas urbanas podem ser compreendidas na forma de disputa simbólica, haja vista a quantidade significativa de acontecimentos históricos que se materializaram nessa cidade. Finalizando a parte dois, apresenta-se Lyon, que, a partir da discussão patrimonial da cidade, possibilita o exercício de reflexão sobre a relação antigo–novo em espaços urbanos.

Na parte três, denominada “Circularidade de narrativas e imagens”, as cidades de Lisboa, Lyon e Fortaleza são apresentadas de outra forma. Não mais pelos guias turísticos descritos na parte anterior, mas a partir das apresentações da cidade e das figuras compreendidas nesses espaços. Lisboa, por exemplo, é apresentada a partir da visão dos visitantes e de suas motivações para conhecerem a capital de Portugal. Afirma-se, portanto, que é fundamental compreender a etiologia urbana dos visitantes, ou seja, quais motivos os levaram àqueles espaços. Há destaque, também, para o papel que os ônibus turísticos – normalmente aqueles de dois andares, cujo andar superior é panorâmico – desempenham na contextualização urbana de um determinado lugar. Em seguida, são apresentados os “roteiros insólitos”, os quais permitem a recriação das narrativas urbanas das cidades. Afirma a autora: “os rituais de descoberta da cidade feitos com base em caminhadas organizadas por profissionais do turismo e mediadores interessados em propor formas alternativas de exploração da cidade serão aqui analisados” (BARREIRA, 2013, p. 130). Para isso, a autora narra e analisa vivências nas cidades de Lyon, Fortaleza e Lisboa. De fato, a experiência de ser levado a conhecer uma

cidade, a pé, por pessoas nativas ou profissionais do ramo do turismo, tende a ser uma experiência distinta daquela encontrada nos guias turísticos ou nos ônibus de dois andares, por exemplo. A partir das anedotas e lendas urbanas, o visitante é imerso em uma cidade narrada ao vivo e *in loco*. Ao final da terceira parte, a autora apresenta algumas narrativas e recriações da cidade de Fortaleza, a partir de cartões-postais, afirmando que “os cartões postais, como um dos exemplos mais significativos de representação iconográfica de cidades, parecem corroborar a ideia de que uma imagem vale mais que mil palavras” (BARREIRA, 2013, p. 156). De fato, a estratégia de análise de uma cidade a partir de cartões-postais constitui-se de estratégia metodológica curiosa, visto que são elementos vendidos em espaços de trânsito de turistas, como as bancas de revistas, lojas de lembranças ou lojas de aeroportos, o que vai além da facilidade logística, pois apresenta a percepção emblemática de uma totalidade, o que abre margem para discussão e apropriação metodológica desses materiais.

Na quarta e última parte, intitulada “contextos e espaços de produção de narrativa”, a autora discute o que se poderia chamar da relação todo–parte no que se refere à apresentação da totalidade urbana de uma cidade. Afirma a autora que “a ideia do bairro ou do centro da cidade como metonímias da totalidade urbana fundamenta essa parte do trabalho, considerando-se também situações e processos diretos de intervenção que incidem sobre a construção de narrativas” (BARREIRA, 2013, p. 175). Para isso, a autora se vale de um espaço característico e emblemático de Lisboa, o bairro da Alfama, e de um espaço reconhecidamente simbólico de Fortaleza, a Praia de Iracema. Pensar, por exemplo, a Alfama como metonímia de Lisboa ou a Praia de Iracema como a representação total de Fortaleza pode ser entendido como um empobrecimento do entendimento do que seria a totalidade da cidade, entretanto, também pode ser compreendido como a apropriação da ideia de representatividade de parte, que está incluída no todo.

Ao entender o cotidiano como sendo aquilo por “onde tudo passa, sem que nada pareça passar” (PAIS, 2002) as múltiplas narrativas de cidades apresentadas por Barreira nos coloca frente a um compromisso: olhar nossas cidades – na condição de visitantes, ou não – com um olhar político. Afinal, vivemos na cidade

dos guias turísticos, das excursões ou dos cartões-postais? Ao que parece, a realidade dos habitantes da maioria das cidades brasileiras, por exemplo, não é essa. Afirmo a autora: “as cidades, com os seus temores, com acenos de liberdade ou opressão, ocuparam, nesse sentido, parte significativa do pensamento social, [...] envolvendo aqueles que tomavam por tarefa dirigir os seus destinos” (BARREIRA, 2013, p. 230). Ao final da leitura da obra, o leitor pode concluir que Lisboa, Berlim, Lyon ou Fortaleza podiam ser a cidade na qual moram, uma vez que as narrativas constituídas nos espaços urbanos ao redor do planeta possuem, claro, suas especificidades, mas, para além disso, estão impregnadas de nossas características urbanas mais elementares, como, por exemplo, ser mais um no meio da multidão.

Referências

BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. **A cidade como narrativa**. Lisboa: ICS, 2013.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, Arte política**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

PAIS, José Machado. **Sociologia da Vida Quotidiana**. Teorias, Métodos e Estudos de Caso. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2002.